La Comédiathèque

Retrato de Família

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
https://comediatheque.net

Retrato de Família

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Dois irmãos e duas irmãs que quase já não se veem reencontram-se uma última vez na casa de férias da família para a vender, depois da morte da mãe. Mas as contas que têm para ajustar não são apenas financeiras...

Personagens
Pierre
Josiane
Jeff
Frédérique

© La Comédiathèque

De manhã

A sala de estar de uma casa de férias, mobilada com muita simplicidade. Ao fundo, uma pequena lareira apagada. Pierre, com ar de intelectual de esquerda, vem da cozinha com um tacho de água quente, que pousa na mesa, ao lado de um frasco grande de Nescafé. Abre sucessivamente as portas de um aparador até encontrar uma chávena. Repete a busca nas gavetas, à procura de uma colher de café. Senta-se, prepara um café e ataca as últimas bolachas Pépitos de um pacote. Ouve-se um telemóvel tocar fora de cena. Pierre bebe o café e acaba as bolachas enquanto lê La Vie Financière. Uma manchete situa a ação: «Bug do ano 2000: os mercados inquietos na viragem do milénio». Pausa. Entra Jeff, de pijama às riscas, meio a dormir, a andar como um sonâmbulo.

Jeff *(a bocejar)* – Já estás vestido?

Pierre *(sem tirar os olhos da revista)* – Detesto ficar de pijama o dia inteiro. Tens água quente e Nes...

Perante o olhar surpreendido de Pierre, Jeff abre logo os compartimentos certos do aparador e das gavetas, tira uma chávena e uma colher, senta-se e prepara um café. Pega no pacote das bolachas, cheio de esperança, mas, ao vê-lo vazio, pousa-o com ar desolado.

Jeff – Já não há Pépitos...?

Pierre, que provavelmente comeu o pacote inteiro, não parece minimamente arrependido.

Pierre – Pois não, como estás a ver...

Jeff fica contrariado, mas não responde. Pierre ainda acrescenta:

Pierre – Fazes-me lembrar a mãe... Quando perguntávamos «Já não há chocolate?», ela dizia: «Pois claro, vocês comem-no todo assim que aparece!»

Jeff prefere ficar calado. Pierre muda de assunto.

Pierre *(a suspirar)* – Não preguei olho a noite inteira. Com aquela trovoada...

Jeff – Que tempestade?

Pierre *(incrédulo)* – Não me digas que não ouviste nada! Pareciam tiros de canhão...

Sem reação de Jeff, cujo comportamento Pierre observa com um olhar de etnólogo.

Pierre – Tu sempre foste um bocado sonâmbulo, não foste?

Jeff começa a mexer o café mecanicamente.

Pierre – Lembro-me de uma vez em que te acordámos às onze da noite, fazendo-te acreditar que não tinhas ouvido o despertador. Deixámos-te tomar o pequeno-almoço... Foi a mãe que te apanhou na rua. Ias para a escola de pijama. Num domingo de agosto...

Jeff começa a beber o café aos goles, sem responder.

Pierre *(voltando ao presente)* – Mal tinha conseguido adormecer outra vez, acordou-me o camião do lixo! Passa sempre à mesma hora. Às cinco da manhã. Quando tínhamos vinte anos, não nos acordava, de certeza. Chegávamos a casa à hora a que o lixo era recolhido...

Jeff – Mmm...

Pierre *(admirado)* – E tu dormiste bem?

Jeff – Estou de rastos. Ainda são muitos quilómetros para quem conduz sozinho. Porque é que nunca tiraste a carta?

Pierre – Fui a exame, mas chumbei.

Jeff – Só uma vez! Podias ter insistido um pouco...

Pierre – Não suporto falhar. Não devia ter nascido para conduzir. E depois, quando vejo todos aqueles idiotas na estrada... Viste ontem? Até tu estiveste quase a perder a cabeça! Pega num sujeito educado, simpático, perfeitamente equilibrado. Dá-lhe um volante e, ao fim de dez minutos, está a insultar toda a gente e pronto a andar à pancada. Como explicas isso?

Desconcertado com a falta de reação do irmão, que continua a mexer o café, Pierre levanta-se e observa a sala.

Pierre – Nada mudou. Já não vinha cá há pelo menos quinze anos. E tu?

Jeff – Há dois anos, com a Catherine e os miúdos. Mas nunca no inverno.

Pierre aproxima-se da lareira e sopra para as mãos, tentando aquecê-las.

Pierre – Agora percebo porquê...

Na prateleira da lareira há uma caixa grande de fósforos, um candeeiro de carbureto e uma fotografia escolar a preto e branco, pintada à mão, dos dois irmãos de bata azul e das duas irmãs de bata cor-de-rosa.

Pierre – Achas que funciona?

Jeff – Vínhamos sempre em agosto... Nunca ninguém a acendeu.

Pierre – Isso não quer dizer que não funcione...

Pierre olha à sua volta.

Pierre – Os fósforos já temos. Só falta a lenha...

Jeff faz-lhe sinal para desistir. Pierre percorre a sala, inspecionando-a como quem faz uma vistoria.

Pierre – Quando é que assinamos no notário?

Jeff – Às três. Se o comprador não mudar de ideias.

Pierre esfrega as mãos novamente para as aquecer.

Pierre – Se a visitou no verão, ainda é capaz disso...

Ele dá uma olhadela pela janela.

Pierre – Sabes quem é aquele tipo?

Jeff – Que tipo?

Pierre – O comprador!

Jeff – Falei com ele uma vez ao telefone. É de Paris. Fisioterapeuta, acho eu...

Pierre – Ele é simpático?

Jeff – O que é que isso muda?

Pierre – Nada... *(Pausa.)* A Frédérique e a Josiane vêm juntas?

Jeff – A Josiane apanhou o comboio da noite. Deve chegar esta manhã. A Frédérique acabou de me telefonar do aeroporto. Foi isso que me acordou...

Pierre – Vai e volta no mesmo dia?

Jeff – Não sei.

Jeff bebe o café. Pierre volta à lareira e pega na fotografia dos quatro irmãos em crianças.

Pierre – Já nem me lembrava desta fotografia. Como é que veio cá parar...?

Jeff – Acho que foi a mãe que a trouxe. Da última vez que cá veio com o pai. Mesmo antes de ele voltar para a Amazónia...

Pierre examina a fotografia de perto com um sorriso meio irónico, meio amargo.

Pierre – Olha, é curioso. É uma fotografia a preto e branco, colorida a lápis. Fazia-se isso na altura. A fotografia a cores ainda devia estar em fase experimental.

Jeff – Isso não nos torna mais novos...

Pierre – Não. Sinto-me como um filme antigo pintado à mão. *(Observa de novo a fotografia.)* É estranho voltar a vê-la... Está tudo aqui, não está?

Jeff – Tudo o quê?

Pierre – Nesta fotografia! Já se percebe o que cada um de nós viria a ser... A Frédérique com aquele sorriso falso. A Josiane com o olhar irónico. Tu com ar de quem se está nas tintas. E eu com cara de cão abandonado.

Jeff continua a beber o seu café sem responder.

Pierre – Lembras-te de quando a tirámos?

Jeff – Não.

Pierre – Eu também não. É engraçado, quase não tenho recordações da infância. E também não tenho muitas fotografias dessa altura para me ajudarem a recordar.

Jeff – Naquela altura, não tirávamos tantas fotos como agora.

Pierre – É verdade, hoje em dia temos a mania de fotografar tudo. Sabias que o Jérôme filmou o parto da Frédérique com a câmara de vídeo? Não sei se costumam ver a cassete aos sábados à noite... Podiam ter filmado também o acasalamento e montar tudo como um documentário sobre a vida selvagem. Adoro os documentários de animais. Os comentários são sempre tão reconfortantes, tão edificantes... «A natureza é mesmo extraordinária». «Os grandes comem os pequenos, mas é para não haver demasiados». «Os mais fracos estão condenados, é triste, mas é preciso preservar a pureza da espécie». *(Olha novamente para a fotografia.)* Seja como for, gostava de saber como era em bebé. Esta deve ser uma das fotografias mais antigas que vi de mim. Já teria uns cinco anos... *(Irónico.)* Se calhar, os pais adotaram-me nessa altura e nunca tiveram coragem de me dizer. Vi uma história assim num telefilme. Nesse caso, vocês nem seriam meus irmãos...

Pausa.

Jeff – Parece-me que foi um fotógrafo à escola.

Pierre – Juntaram-nos para a fotografia. Lembras-te? As turmas ainda não eram mistas. Até no recreio, o pátio estava dividido por uma fronteira imaginária. Os rapazes de um lado, com batas azuis; as raparigas do outro, de cor-de-rosa. Era absolutamente proibido atravessar a linha de demarcação. Exceto para ir à casa de banho, que ficava do lado das raparigas. Eu estava apaixonado por uma miúda que só via de passagem, quando ia fazer chichi. Tinha de ir muitas vezes à casa de banho. Mas nunca lhe falei. Pergunto-me o que será feito dela. Nem sequer sei como se chamava...

Jeff – Há quanto tempo é que não vês a Josiane e a Frédérique?

Pierre coloca o retrato.

Pierre – Desde o funeral da mãe... Faz-me impressão dizê-lo. Ainda não me convenci de que morreu... Não é que isso me deixe especialmente triste, percebes? Mas é estranho... ser órfão.

Jeff – O pai não morreu...

Pierre – Isso não sabemos. Há anos que não o vemos. Nem sequer apareceu no funeral da mulher. Achas que, se os canibais o tivessem comido, nos mandavam uma participação de falecimento?

Jeff – Ainda há canibais na Amazónia?

Pierre – Piranhas há... Dizem que um cardume de piranhas devora uma vaca em cinco minutos. Não deixa senão os ossos. Imagina o pai... E, de qualquer maneira, ele nunca esteve propriamente presente, pois não? Entre nós, a morte dele não faria grande diferença. Seria uma formalidade. Como as pessoas que se casam depois de viverem juntas trinta anos, só para oficializar a relação. Ele, quando morrer, será para oficializar o desaparecimento... *(Pausa.)* Tenho um amigo que fez quinze anos de psicanálise para tentar voltar a falar com o pai. Quinze anos, imaginas?

Jeff – E como correu?

Pierre – Bem... Infelizmente, ao fim de quinze anos, o pai já tinha morrido...

Jeff – Também não exageres. Não fomos mártires. Pelo menos tivemos pais...

Pierre – Pois. Há sempre quem esteja pior, claro. Mas essa filosofia nunca me consolou grande coisa. É como dizer a um homem que perdeu uma perna: «Não se queixe, podia ter perdido as duas». *(Pausa.)* Sabes o que descobri há uns anos, pelo tio Alberto?

Jeff – O quê?

Pierre – Foi ele que escolheu o meu nome. A mãe tinha acabado de dar à luz. O pai devia estar ocupado, como sempre. Por isso foi o tio Alberto que me foi registar. Ao que parece, deram-lhe carta branca para escolher o nome. Afinal, era só um pormenor...

Jeff – Era outra época...

Pierre – Mesmo nessa época havia pais que se davam ao trabalho de ir registar os filhos.

Jeff – Nesta família sempre tivemos problemas com os nomes. Olha para mim! Durante dez anos, toda a gente julgou que eu me chamava Christophe. Até que um dia a mãe pediu uma certidão de nascimento e descobriu que o pai me tinha registado com outro nome.

Pierre – Ao menos deu-te um nome. Até te deu o dele...

Jeff – Não sei se fiquei a ganhar. Jesus não é um nome fácil de trazer...

Pierre – Em Espanha é muito comum...

Jeff – Em França nem tanto. Jesus! E pensar que nem sequer nos mandou batizar...

Pierre – Não te queixes. Há de haver judeus chamados Judas.

Jeff – Ah, sim?

Pierre – Ou alemães chamados Adolf, se preferires...

Jeff – Seja como for, sempre me chamaram Jeff. Nem sei porquê. Toda a gente pensa que é abreviatura de Jean-François. *(Pausa.)* Vens passar o Natal connosco?

Pierre *(agressivo de repente)* – Para quê? Para aplaudir os discursos antissemitas e homofóbicos do meu cunhado?

Jeff – Ele só quer provocar...

Pierre – Ouve, entre o Jérôme, que defende as ideias da Frente Nacional mas diz votar em branco, e a Frédérique, que vota na Frente Nacional mas condena as suas ideias... Os dois juntos fazem as duas metades de um eleitor de extrema-direita.

Jeff *(sem grande convicção)* – Vá lá, o padrinho da filha deles é judeu...

Pierre – Ah, essa é a desculpa de sempre! Não somos racistas, temos amigos judeus. Muito simpáticos, aliás. Para judeus... Andam de Mercedes, como nós. Vão esquiar para a Áustria e chamaram Ingrid à filha. Também há idiotas entre os judeus, sabes? Até há judeus na Frente Nacional. Quero dizer, judeus idiotas. Ou idiotas judeus, se preferires.

Jeff *(divertido)* – Estás em forma esta manhã.

Pierre esboça também um sorriso, visivelmente satisfeito com a sua tirada, e serve-se de mais café. Gosta de falar e de se ouvir falar.

Pierre – Há limites, não achas?

Jeff – Claro, às vezes era melhor ficar calado.

Pierre – Então porque não disseste nada da última vez?

Jeff – Tu também não disseste nada...

Pierre – Mas eu fui embora...

Jeff *(levantando-se)* – Fugir nem sempre é a solução...

Jeff afasta-se pelo corredor. Pierre fica a olhar para ele, estupefacto. Depois volta a ler La Vie Financière. O telemóvel toca.

Pierre – Sim? *(A sorrir.)* Sim... Sim, está tudo bem... Não, não havia muito trânsito... Não, elas chegam esta manhã... *(Fingindo indiferença.)* Então, já tens o resultado das análises?... *(Dececionado.)* Só esta noite?... Não, prefiro ligar-te eu... Não estou preocupado, mas, quando nunca se fez o teste...

Josiane entra a puxar uma mala de rodas. Veste uma roupa extravagante, uma espécie de poncho mexicano.

Pierre *(embaraçado)* – Desculpa, tenho de desligar. A Josiane acabou de chegar... Sim, sim, depois conto-lhes... quando chegar a altura... Eu também... Um beijo...

Josiane *(alto)* – Quando é que vocês chegaram?

Pierre levanta-se e cumprimenta-a com dois beijos, sem grande calor.

Pierre – Ontem à noite. Tarde...

Josiane coloca a mala num canto e dá uma olhada na sala.

Josiane – Ai, esta casa!

Pierre olha para ela, esperando um comentário que não chega.

Josiane – Está um gelo... Não percebo porque é que os pais nunca mandaram instalar aquecimento...

Pierre – Talvez porque só cá vínhamos em agosto...

Josiane – O teu irmão está cá?

Pierre – Também é teu, não é? Está no quarto...

Josiane – É verdade que ele não é madrugador...

Pierre – Para quê acordar cedo? Só assinamos esta tarde...

Josiane – Então? O que vais fazer com tanto dinheiro?

Pierre – Não sei...

Josiane repara na revista La Vie Financière, em cima da mesa.

Josiane – Agora lês La Vie Financière?

Pierre – Faço umas operações na Bolsa... pela Internet.

Josiane – A Bolsa... Não é muito arriscado?

Pierre – É como no amor... Se não queres uma gravidez indesejada, tens de saber retirar-te a tempo.

Josiane – E ganhas muito dinheiro com isso?

Pierre – Não me posso queixar.

Josiane – Então tens de me dar uns conselhos. Para investir a minha herança...

Pierre *(irónico)* – Oh, não tem nada que saber. É uma questão de bom senso. Num inverno rigoroso como este, compras ações da Damart, que vende roupa térmica. Antes do Dia da Mãe, vendes e compras ações da Moulinex.

Josiane – Moulinex? Não está na falência?

Pierre – Isso é por causa das feministas. Agora os miúdos já nem se atrevem a oferecer um passe-vite ou um ferro de engomar no Dia da Mãe...

Josiane *(confidencial)* – Aliás, estás a par?

Pierre – A par do quê?

Josiane – O Jesus! Vai declarar falência...

Pierre *(exasperado)* – Não podes chamar-lhe Jeff, como toda a gente? Foi ele que te disse?

Josiane – Foi a mulher. Coitado... Não sei o que fará agora.

Pierre – Pergunta-lhe.

Josiane – À Catherine?

Pierre – Não, a ele! Ao teu irmão Jeff!

Josiane – Vê-se logo que não nasceu para patrão!

Pierre – Oh, sim? Porquê?

Josiane – Já viste a que horas se levanta? Eu, cá por mim, não preguei olho a noite inteira. Aquele comboio ia cheio! E logo me havia de calhar uma família de portugueses com um batalhão de miúdos. Um deles tinha papeira e passou a noite aos berros. O resto da família esteve a comer melancia e chouriço até de manhã, para passar o tempo...

Pierre, que nunca se habituou às tiradas xenófobas da irmã, contém a irritação e opta pela ironia.

Pierre – Não te ofereceram?

Josiane – Ofereceram! Mas eu não quis! O compartimento cheirava pessimamente. Até me davam náuseas...

Pierre – Lembro-te de que nós próprios somos de origem espanhola. O teu apelido de solteira é Fernandez...

Josiane – Oh, o meu nome de solteira... Há muito que deixei de ser uma verdadeira menina! Bem, vou lavar a cara. Ainda me parece que cheiro a chouriço.

Josiane sai. Pierre fecha a revista e vai para a cozinha, levando o tacho. Jeff aparece, já vestido. Traz um fato formal mas pouco elegante, como um diretor de pequena empresa que se arranjou para uma reunião importante. Passado um momento, Josiane regressa, embrulhada numa camisola grossa, com a revista Le Chasseur Français debaixo do braço. Jeff e Josiane cumprimentam-se sem entusiasmo.

Jeff *(ao ver a revista)* – Agora dedicas-te à caça?

Josiane responde sem se embaraçar, com um sorriso cúmplice.

Josiane – Mais propriamente à caça ao homem. É pelos anúncios...

Jeff – Os anúncios...?

Josiane – Os anúncios matrimoniais!

Jeff fica surpreendido e um pouco constrangido.

Jeff – E então?

Josiane – Sabes, é o mesmo que para carros.

Jeff – Ah?

Josiane – É preciso experimentar vários modelos antes de escolher...

Jeff – E encontraste o modelo que querias?

Josiane – Ainda não. Infelizmente, na minha idade, tenho de me limitar ao mercado de segunda mão. E tu?

Jeff – Eu o quê?

Josiane – Como vai a tua mulher?

Jeff – Vai bem.

Josiane – E os miúdos?

Jeff *(frio)* – Podes dizer «os meus filhos». Agora têm o meu apelido...

Josiane – Oh, mesmo assim não é a mesma coisa. Os teus filhos também são um bocado em segunda mão...

Jeff cala-se, visivelmente a fazer um esforço para não explodir.

Josiane – E os negócios?

Jeff – Está bem...

Josiane *(a rir)* – Contigo está sempre tudo bem, não é?

Jeff *(já um pouco irritado)* – Não disse que estava maravilhoso. Disse que estava bem...

Josiane – E o Pierre?

Jeff – O quê, o Pierre?

Josiane – O trabalho dele! Vi uma das séries que ele escreve na televisão, no outro dia. Foi o meu filho que me disse para ver. Que disparate!

Jeff – É para os jovens... Mas paga bem.

Josiane – É o que interessa. Devia ter feito o mesmo, em vez de tirar o curso para dar aulas aos cinquenta anos e tentar ensinar aqueles imbecis a ler...

Josiane volta aos anúncios. Pausa. Pierre regressa com água quente. Os três servem-se de mais café.

Josiane *(a sorrir)* – Ai, este Nescafé é mesmo intragável!

Os outros dois, que não precisavam de ouvir isto para conseguirem beber o café, olham-na com reprovação. Mas Josiane continua.

Josiane – Felizmente, o frasco está quase vazio. Deve estar aqui há anos. Um frasco tamanho família daqueles... *(Como se fizesse contas de cabeça.)* Uma colher por chávena, um mês por ano, no verão...

Pierre afasta definitivamente a chávena. A porta abre-se. Entra Frédérique, com lenço Hermès, joias de ouro e mala Vuitton, muito elegante e bem-posta.

Frédérique – Bom dia.

Pierre *(sem se levantar)* – Olá.

Josiane e Jeff levantam-se para cumprimentar a irmã.

Jeff – Tiveste uma boa viagem?

Pierre – É só uma hora de avião. Não é propriamente uma viagem cansativa...

Frédérique – Sempre tão simpático...

Josiane *(com o frasco de Nescafé na mão)* – Queres café?

Frédérique – Obrigada, tomei o pequeno-almoço no avião.

Josiane – Fizeste bem.

Jeff – Há um quarto para ti. Mas talvez tenhamos que trocar os lençóis.

Frédérique – Não é preciso. Vou-me embora esta noite...

Josiane – A sério? É pena. Tantos quilómetros para tão pouco...

Pierre – Oh, uns duzentos mil para cada um...

Os outros olham para ele sem perceber.

Pierre – A Frédérique veio pela venda da casa, como nós, não veio? Não faz dois mil quilómetros num só dia para passar umas horas com a família, à beira-mar, em dezembro...

Frédérique – E tu não vieste por isso?

Pierre – Sim... Foi o que acabei de dizer. Viemos todos por isso.

Josiane – Duzentos mil francos a cada um... *(Assaltada por uma dúvida, a Jeff.)* Tens a certeza de que estamos a vender a casa por um preço justo?

Jeff – Já estava à venda há um ano. Mesmo por este preço, não apareceu quase ninguém interessado. Se o fisioterapeuta não me tivesse telefonado há um mês...

Josiane *(em tom de censura)* – Talvez devêssemos ter feito mais publicidade. Uns anúncios, sei lá...

Jeff – Ninguém te impediu de fazer isso. Olha, no "Le Chasseur Français", por exemplo...

Josiane – Sim, mas como eras tu que estavas a tratar disso...

Jeff – Quem decidiu que tinha de ser eu? Também tenho mais que fazer. E nem sequer vivo aqui perto.

Josiane *(já sem o ouvir)* – Ai, esta casa! Pelo menos, hoje ficamos livres dela. *(Bebe mais um gole de café.)* Frio, ainda é pior! *(Sorrindo para os outros.)* Querem mais?

Pierre e Jeff trocam um olhar desanimado.

Jeff – Vou ver se encontro alguns jornais.

Pierre – Vou contigo. Aproveitamos para tomar um café de verdade.

Josiane – Trazes-me o Nouvel Obs? Sai hoje.

Pierre olha para a irmã, surpreendido.

Pierre – Agora lês Le Nouvel Observateur?

Josiane *(com um ar entendido)* – É pelos anúncios...

Pierre olha para ela sem perceber, mas não insiste.

Jeff *(para Frédérique)* – Queres que te traga alguma coisa?

Frédérique – Apanhei "Madame Figaro" no avião.

Pierre – Se encontrarmos a L'Humanité Madame, também te trazemos um exemplar.

Pierre e Jeff saem.

Frédérique – Ele está cada vez pior.

Josiane – Jeff?

Frédérique – Não, Pierre!

Josiane – Oh, é preciso aceitá-lo como é. Nunca fez nada como toda a gente. Lembras-te de que já em pequeno tinha aprendido a tricotar? Até me fez um cachecol... *(Frédérique parece não se lembrar.)* Não achas estranho? Nunca o vimos com uma rapariga...

Frédérique – Talvez não quisesse apresentá-las à família...

Josiane muda de assunto.

Josiane – E os teus filhos, como estão?

Frédérique – Bem... A Charlotte parece estar a gostar da nova escola. Espero que desta vez resulte, porque não sai barata...

Josiane – Ah, sim?

Frédérique – Agora, já sabes, se não estás disposta a pagar...

Josiane – Quanto?

Frédérique – 5.000.

Josiane – Por ano?

Frédérique – Por mês...

Josiane – Cinco mil francos por mês! É quase o que eu ganho como professora do secundário!

Frédérique – Eu sei que é caro. Mas o que queres? Para ter qualidade, é preciso pagar.

Josiane – A universidade é gratuita.

Frédérique – Para se misturar com toda a gente... Hoje em dia, toda a gente vai para a universidade. Já não há seleção nenhuma!

Pausa.

Josiane – E Maximilien?

Frédérique – Está a fazer um estágio de três meses, através da escola de gestão.

Josiane – Ah, sim? Onde?

Frédérique – No McDonald's... *(Pausa.)* Em Miami.

Josiane – Em Miami!

Frédérique – Sim, escolheu a secção internacional.

Josiane – Isso deve custar-vos uma fortuna!

Frédérique – Nem imaginas. Sobretudo porque o estágio não é remunerado. Entre a viagem e o alojamento, são uns sessenta mil francos. Mas a escola trata de tudo. Têm uma rede de contactos muito eficaz. Hoje em dia, para arranjar um estágio... Sem contactos...

Josiane – Mas o que é que ele faz lá? Trabalha no marketing?

Frédérique – Não, está nas vendas.

Josiane – Nas vendas...?

Frédérique – Sim, atende os clientes. A filosofia empresarial americana é começar por baixo, para perceber como tudo funciona.

Josiane *(perplexa)* – Queres dizer que estás a pagar sessenta mil francos para o teu filho servir hambúrgueres no McDonald's durante três meses?

Frédérique – Na Florida! E assim aperfeiçoa o inglês. É o ponto fraco dele... *(Pausa.)* E o Bruno, como está?

Josiane – Estuda Filosofia na Sorbonne. Parece que está a correr bem. Tem boas notas...

Frédérique – Filosofia, hoje em dia... Isso dá para alguma coisa?

Josiane – Ao menos é de graça...

Frédérique – E depois, o que quer fazer?

Josiane – Quer ser professor. No verão, vai trabalhar num armazém do Auchan. Não é muito interessante, mas sempre ganha algum dinheiro. E fica a saber o que o espera se não passar nos concursos para dar aulas. Arranjou uma namorada... Fico contente por ele se estar a dar bem. Nem sempre foi fácil, com o meu divórcio...

Frédérique – Às vezes, mais vale um bom divórcio do que um mau casamento...

Josiane – Mesmo assim. Digam o que disserem, uma criança precisa do pai e da mãe.

Frédérique – Mas tu e o Gérard passavam a vida a discutir! Fui a vossa casa três vezes em dez anos e das três assisti a uma discussão. Suponho que não fosse em minha homenagem. Não me deu muita vontade de voltar... *(Pausa.)* Como é que um psicanalista podia ser tão incapaz de educar o próprio filho? Nunca estavam de acordo sobre nada, sobretudo sobre a educação do Bruno, e discutiam à frente dele...

Josiane – Bem sabes como é... Em casa de ferreiro, espeto de pau. E Freud dizia, a propósito da educação dos filhos: «Façam o que fizerem, estarão sempre errados».

Frédérique – Ainda assim, sentimos sempre alguma culpa... *(Olha em volta.)* Faz-me pena vender esta casa. Apesar de tudo, temos aqui boas recordações... É estranho. Durante o ano inteiro, vivíamos apertados num apartamento sem casa de banho, com os pais exaustos do trabalho e de trombas. E, durante um mês por ano, tínhamos uma casa confortável e pais quase normais...

Josiane – Miami Playa... Que nome para uma casa que nem sequer fica mesmo à beira-mar...

Frédérique – Devia fazer-lhe lembrar Espanha... Aliás, porque é que nunca lá voltou?

Josiane – Isso teríamos de lhe perguntar... Se algum dia o voltarmos a ver... Ao princípio, acho que era por causa dos documentos. Tinha medo de não o deixarem regressar a França. Depois, deve ter achado que ficava longe demais...

Frédérique – Pois... Deve ter sido por isso que preferiu instalar-se em Manaus... Eu até teria comprado a casa, mas o Jérôme não quis. De qualquer maneira, não era a melhor altura...

Josiane – Oh, mesmo por este preço, não sei se seria um bom negócio...

Pausa.

Frédérique – Não percebo porque é que o Pierre está tão zangado comigo. Não lhe fiz nada. Isso também me entristece. Antes dávamo-nos bem, não dávamos?

Josiane – Antes de quê?

Frédérique *(desanimada)* – Não sei... Antes.

Josiane, que não quer ouvir mais, olha também para a sala.

Josiane – Ainda temos de arrumar isto antes de sairmos. Olha só a quantidade de pó!

Escuro.

Ao meio-dia

Os quatro regressam do restaurante e tiram os casacos.

Josiane – Bem, obrigada pelo convite, Jeff. Então? O que acharam do restaurante?

Frédérique – A decoração não era má...

Josiane – Ah, sim, tudo muito típico. Até o dono tinha um ar muito típico! E não se comeu mal. Pelo preço...

Jeff – Claro que não era um restaurante de luxo. Mas nesta zona também não há muita escolha.

Josiane – De certeza que aquele peixe não tinha sido pescado ontem... É incrível servirem peixe congelado a poucos quilómetros do mar.

Pierre *(irritado)* – Ouve, para a próxima és tu que nos convidas, está bem? E escolhes o restaurante que quiseres.

Josiane – Espero é que não fiquemos doentes. Com os congelados nunca se sabe. Basta uma falha na cadeia de frio... Vou ver se tenho um Alka-Seltzer. Não me estou a sentir lá muito bem...

Pierre – Pois, vai lá.

Frédérique – Acho que eu tenho.

Josiane e Frédérique dirigem-se aos quartos.

Pierre – Ela não tem emenda. Parece que em todas as famílias o mais velho é sempre o mais frágil psicologicamente...

Jeff – Sempre foi assim. Não vai mudar agora.

Pierre – Aliás, que idade é que ela tem? *(Jeff não responde.)* Bem, o que fazemos esta tarde? *(A brincar.)* Vamos à discoteca?

Jeff – Sou um homem casado. Mas podes ir tu, se quiseres.

Pierre – Agora já devem estar todas fechadas. Lembras-te? Nas férias, passávamos as noites na discoteca. Eu achava que era o melhor sítio para engatar. Afinal, toda a gente ia lá para isso. Estatisticamente, fazia sentido. E, no entanto, nunca engatei ninguém numa discoteca. Na lavandaria, no metro, no dentista, sim. Na discoteca, nunca... Talvez as mulheres não achem aquilo muito romântico. Para uma aventura de uma noite com um desconhecido, ainda vá. Mas não para encontrar o homem da sua vida. Os tipos que vão engatar para discotecas não devem inspirar grande confiança. Aliás, não conheço nenhum casal casado que se tenha conhecido numa discoteca. E tu?

Jeff – Conheço... Eu conheci a Catherine numa discoteca.

Pierre *(apanhado de surpresa)* – Bem, se calhar o melhor é ir fazer uma sesta...

Jeff – Não tens de generalizar tudo, esse é o teu problema. Para ti, a tua vida não conta como estatística. Estatísticas são as vidas dos outros.

Pierre *(impressionado)* – Tens noção da força do que acabaste de dizer?

Jeff *(irritado)* – Não, claro que não. Quando digo uma coisa inteligente, é por acaso. Não faço de propósito. Felizmente estás cá tu para me explicar...

Pierre – Desculpa...

Jeff – Tens outro problema, Pierre. Tens uma certa tendência para achar que os outros são todos estúpidos.

Jeff levanta-se para ir buscar uma revista; Pierre faz o mesmo. Josiane e Frédérique regressam, também com revistas.

Jeff *(a Josiane)* – Já estás melhor?

Josiane – Vomitei tudo.

Pierre *(desolado)* – Então deve ter-te feito bem...

Josiane – Ainda não estou bem. Parece que tenho uma posta de atum atravessada no estômago...

Frédérique – Se calhar é uma alergia. Alergias ao atum fresco são frequentes.

Pierre – Deve ser isso. O peixe estava fresco demais...

Jeff lê Le Point, Pierre La Vie Financière e Frédérique Madame Figaro. Josiane acaba Le Chasseur Français e passa ao Nouvel Obs. Pierre ergue os olhos da revista e observa, surpreendido, o que a irmã está a ler.

Pierre – Andas à procura de marido?

Josiane *(a rir)* – Não sei se ainda vou a tempo. Na minha idade...

Pierre *(irónico)* – Entre uma revista para caçadores de direita e outra para intelectuais de esquerda, abranges praticamente tudo. Devias criar também uma página na Internet. Assim cobrias o planeta inteiro.

Josiane, genuinamente interessada, levanta os olhos da revista.

Josiane – Achas?

Pierre mal acredita que a irmã o esteja a levar a sério.

Pierre – Claro. Pões lá uma fotografia tua, com uma frase apelativa. Até podes retocar um bocadinho a fotografia. Hoje em dia faz-se tudo com a tecnologia digital...

Josiane – Talvez tenhas razão. Tenho de me pôr a par dessas coisas da informática... Mas não sei se consigo. Tu percebes disso?

Antes de Pierre responder, ouve-se tocar um telemóvel. Josiane precipita-se para o seu.

Josiane *(a gesticular)* – Deve ser o meu... Ofereceram-mo pelo Natal. É preciso acompanhar os tempos... *(Carrega furiosamente nas teclas, pouco habituada ao aparelho.)* Bolas, como é que isto funciona...? *(Com uma amabilidade artificial.)* Estou? Sim... Sim, sou eu... Muito bom dia... Sim... Na casa dos cinquenta... *(Repara que os outros a estão a ouvir.)* Bem, mais perto dos cinquenta do que dos sessenta... Vi o seu anúncio por acaso no Le Chasseur Français e... Não, não sou caçadora. Devo ter folheado a revista no cabeleireiro... Divorciada, sim. E o senhor? *(Muda bruscamente de expressão.)* Oh... E de que morreu ela? *(Rindo.)* Se não for indiscrição, claro... Oh, deve ter sofrido tanto... Nestes casos, acho que deviam dar uma injeção... *(Os outros olham-na, perplexos.)* Sim, deve ter deixado um grande vazio... Não, animais não tenho... Só um filho. *(Rindo.)* Mas também faz as necessidades dele, sabe? Gosta de crianças? Não, para isso já vai sendo tarde, não acha? Na nossa idade, já não seria normal...

Josiane afasta-se para os quartos, para conversar mais à vontade. Deixa de se ouvir a conversa.

Pierre – Coitada da criança. Imaginem: quando tivesse dez anos, a mãe estaria quase nos setenta!

Frédérique – Isso é conversa de homem. Os homens não se importam de trocar a mulher de cinquenta anos por uma mais nova, para continuarem a povoar o planeta.

Pierre *(provocador)* – Para os homens não é bem a mesma coisa...

Frédérique *(veemente)* – Ah, não? Porquê? As mulheres vivem mais tempo. O lógico era poderem ter filhos até mais tarde.

Pierre – A diferença é que, em geral, os homens de cinquenta anos têm filhos com mulheres mais novas. Estatisticamente. A Josiane, pelo contrário, deve atrair mais os da terceira idade, não?

Frédérique – E o que é que vocês sabem disso?

Jeff tenta discretamente fazer ver a Pierre que seria melhor mudar de assunto.

Pierre – Duvido que haja muitos rapazes de vinte anos a pôr anúncios no Le Chasseur Français...

Frédérique parece atingida pela conversa, que a afeta pessoalmente.

Frédérique – Os homens são todos iguais!

Frédérique sai.

Pierre – Não sabia que ela era tão feminista! O que é que lhe deu? A mim tanto se me dá que a Josiane queira andar com rapazes novos...

Jeff – Acho que o problema são mais os homens de cinquenta anos que enganam as mulheres com raparigas novas. Era melhor não insistires nesse assunto...

Pierre, intrigado, tenta perceber. Josiane e Frédérique regressam.

Josiane – A que horas temos de estar lá?

Jeff – A agência disse às três.

Josiane – Oitocentos mil francos... Afinal, não é assim uma fortuna. Sobretudo divididos por quatro...

Pierre – Não te preocupes. Ainda pode morrer um de nós antes desta tarde.

Josiane *(levando a mão à cabeça)* – Posso muito bem ser eu. Estou mesmo a sentir-me mal. *(Tentando rir.)* Não me terão envenenado, pois não? *(Detém-se diante da fotografia dos quatro irmãos sobre a lareira.)* O que é que fazemos a esta fotografia? Não a podemos deixar cá quando a casa for vendida. Quem a leva?

Frédérique – Podíamos fazer cópias...

Josiane – Mas o negativo desapareceu há anos!

Pierre *(irónico)* – Cortamo-la em quatro. Cada um leva o seu bocado. *(A Josiane.)* Ou digitalizas a fotografia e pões-na na tua página da Internet para atrair velhos tarados.

Josiane – Era uma pena cortá-la. É tão bonita...

Pierre – Tens razão. Fica lindamente em cima da lareira...

Josiane – Tiramos à sorte. Olhem, ali está uma caixa de fósforos.

Os outros parecem surpreendidos. Josiane tira quatro fósforos da caixa, parte três e apresenta-os na mão, deixando de fora apenas as pontas.

Josiane *(entusiasmada)* – Quem tirar o fósforo com a cabeça vermelha ganha. Jeff, começa tu.

Jeff obedece sem entusiasmo. Tira um fósforo sem a cabeça vermelha.

Josiane – Agora tu, Frédérique!

Frédérique obedece, com vontade de ganhar mas também um vago embaraço. Pierre observa a cena, consternado. Frédérique tira outro fósforo sem a cabeça vermelha e não consegue disfarçar uma ligeira deceção.

Josiane *(cada vez mais excitada)* – Agora, Pierre, é entre nós os dois!

Pierre levanta-se sem pressa.

Pierre – Não há uma história assim na Bíblia? Uns bandidos a jogar aos dados o Santo Sudário?

Frédérique *(irónica)* – Não sabia que lias a Bíblia...

Pierre – É cultura geral.

Pierre tira o fósforo com a cabeça vermelha. Josiane mostra um desapontamento infantil; não sabe perder.

Josiane – Bolas! Nunca tenho sorte ao jogo!

Pierre tira um cigarro e acende-o ostensivamente com o fósforo. Sopra uma baforada, satisfeito. Josiane observa-o.

Josiane – Agora fumas?

Pierre – Sim... Há uns vinte anos. Nunca reparaste?

Josiane – Li numa revista que cada cigarro nos tira dez minutos de vida. Quantos fumas por dia?

Pierre – Pelas minhas contas, já devia ter morrido há seis meses. Não percebo...

Josiane – E tu, Frédérique? Não fumas?

Frédérique – De vez em quando. Light.

Pierre – Tu, Frédérique, até se fumasses charros haviam de ser light.

Josiane – Olha que os light fazem tanto mal como os outros! Se calhar, mais.

Pierre – Já não me lembro quem comparava a vida com uma garrafa de absinto, ou coisa parecida. Cada um recebe uma à nascença. Uns bebem um golinho todos os dias, para ajudar à digestão; outros emborcam-na de uma vez e apanham uma grande bebedeira.

Frédérique *(com ironia)* – Isso não é a fábula da Cigarra e da Formiga, de La Fontaine?

Pierre – Os grandes temas são universais... Também podemos ser cigarras e formigas, alternadamente. Nos anos setenta, tu também andavas vestida de hippie, não te lembras? Tinhas um namorado de cabelo comprido que tocava guitarra. Como é que se chamava? Ah, sim, Paul! Era professor primário. Até eras um bocado de esquerda nessa altura. Se calhar, fumavas charros sem filtro...

Frédérique – Todos os charros têm filtro.

Pierre – Era só para ver se ainda te lembravas... Pois, o Paul passou um verão inteiro a cantar e, no inverno seguinte, casaste com o anestesista.

Frédérique – Chama-se Jérôme.

Pierre – Carpentier, sim. Frédérique Carpentier soa melhor do que Frédérique Fernandez...

Frédérique – Querias que continuasse com o apelido de solteira? Estás a dizer que tenho vergonha das nossas origens espanholas?

Pierre – Podias ao menos lembrar aos teus filhos que são vagamente primos da empregada portuguesa. Eles acham que as empregadas são uma raça à parte.

Frédérique – Estás a delirar!

Pierre *(a rir)* – Ainda tiveste sorte. O pai chamou Jesus ao Jeff; também podia ter-te chamado Mercedes. Era engraçado teres o mesmo nome que o carro do teu marido...

Josiane sente-se cada vez pior, mas, no calor da discussão, ninguém repara nela.

Josiane – Ai, está tudo a andar à roda... Tenho a cabeça como uma melancia...

Pierre – Mudaste muito desde os anos setenta. Lembro-me do referendo do De Gaulle, em 1969. Discutiste com o pai porque ele ia votar «sim». Dizias que era um plebiscito. Tinhas aprendido a palavra no liceu, no dia anterior. Fiquei impressionado por te atreveres a chamar ditador ao De Gaulle, à frente do pai. Admirei-te por isso...

Frédérique – Não podemos ficar adolescentes a vida inteira. E tu também não te tornaste propriamente um marginal. Na altura lias Rock & Folk. Agora lês La Vie Financière...

Pierre – Mas não voto na Frente Nacional...

Frédérique – Pronto! Foi só uma vez! Um voto de protesto...

Pierre – Podias protestar votando na Liga Comunista Revolucionária ou nas Testemunhas de Jeová. Porque é que tinhas de votar justamente na Frente Nacional, se não concordas com nenhuma das suas ideias?

Frédérique – Não tenho de me justificar.

Jeff – Bem, temos de ir andando...

Pierre – Falta uma hora!

Jeff – Se é para passarmos essa hora a discutir...

Josiane *(com voz fraca)* – Ele tem razão. Uma vez que estamos todos juntos, podias fazer um esforço, Pierre!

Pierre – Não! Já estou farto de fazer esforços! Sobretudo quando nos juntamos! E para quê? Viemos buscar o cheque. Daqui a uma hora temos o dinheiro, cada um segue o seu caminho e provavelmente nunca mais nos vemos. Acabemos com a hipocrisia!

Jeff – Não vale a pena discutirmos.

Pierre – Ouve, Jeff, és muito simpático, mas acorda! Sabes o que as tuas queridas irmãs dizem de ti pelas costas? Que és um cavalheiro, mas que levaste à falência a empresa do pai porque não consegues levantar-te de manhã.

Jeff fica sem reação.

Frédérique *(levantando-se)* – Eu nunca disse isso!

Pierre – Claro que não. Como na política, também aqui não tens coragem de assumir as tuas opiniões. Pelo menos a Josiane diz o que pensa.

Josiane – Talvez fosse melhor irmos apanhar um pouco de ar...

Frédérique – Espera lá, quem és tu para dar lições a toda a gente?

Pierre – Posso não ser grande coisa, mas sou o que sou. Não me limitei a dizer «sim» diante do senhor presidente da câmara para conseguir...

Frédérique – O que queres dizer com isso?

Pierre – Achas-te superior a nós porque tens um relvado inglês, uma lareira rústica e vigas à vista. Mas, além de viveres uma vida de nova-rica completamente amargurada, o que fizeste para ter tudo isso? Casaste com um anestesista e deste-lhe dois filhos malcriados! A vida não é uma anestesia geral!

Frédérique – E tu, o que fizeste de extraordinário? Achas-te escritor porque traduziste três romances cor-de-rosa. E argumentista porque escreveste umas séries de televisão idiotas.

Pierre – São os teus filhos que veem essas séries idiotas. E os romances cor-de-rosa, se não tivesses vergonha de os comprar, também os lias. Aliás, nem precisas: a tua vida inteira é um romance cor-de-rosa. Só que, nesses livros, a história acaba quando a jovem enfermeira casa com o médico rico. Não dizem uma palavra sobre a vida apaixonante das donas de casa. Como em Madame Bovary...

Frédérique – Uma coisa é certa: tu não vais casar tão cedo. Sempre viveste como um egoísta. Nem imagino que mulher te haveria de querer. Vais acabar solteirão...

Pierre – Prefiro acabar solteirão do que velho e idiota.

Frédérique – Porque escolher? Podes ser as duas coisas...

Josiane está quase a desmaiar, mas ninguém dá por isso.

Josiane – Acho que vou cair para o lado... Zumbem-me os ouvidos...

Pierre – O que não suporto em ti não é o teu nível de vida ser desproporcionado ao teu quociente de inteligência. É ainda achares que o salário miserável dos árabes que recolhem o teu lixo prejudica o teu orçamento de férias. As tuas férias no Club Med, com excursões para observar os hábitos dos indígenas. Sem saíres do jipe, como se estivesses num jardim zoológico.

Pierre e Frédérique enfrentam-se com o olhar. De repente, Josiane cai redonda no chão. Os outros três viram-se para ela e precipitam-se em seu auxílio.

Frédérique – Josiane? Estás a ouvir-me?

Frédérique dá palmadas cada vez mais fortes nas faces da irmã para a reanimar. Josiane reage, mas continua semiconsciente.

Pierre – É melhor levá-la ao hospital.

Escuro.

À tarde

Os quatro regressam. Frédérique ampara Josiane pelo braço.

Josiane – Já estou melhor, obrigada.

Jeff – Não devias ir deitar-te um bocado?

Josiane – Tenho de ir ao notário. Já estamos atrasados, não? Precisam da minha assinatura.

Jeff – Telefonei à agência a adiar a reunião. Podes descansar.

Josiane – Bem...

Josiane dirige-se ao quarto, acompanhada por Frédérique.

Pierre – Achas que foi a discussão que tivemos há bocado que a deixou assim? Não sabia que era tão sensível...

Jeff – Não creio... É curioso, também comi o atum e não tive problemas de digestão. Talvez a Frédérique tenha razão e seja uma alergia.

Pierre – Acho que, se ela fosse alérgica ao atum, já tinha dado por isso nesta altura. Não foi a primeira vez que comeu atum na vida. Se fosse um bife de panda com molho de eucalipto, ainda vá... Mas era uma posta de atum à provençal...

Jeff – O que disse o médico?

Pierre – Não sei. Foi a Frédérique que entrou com ela.

Frédérique regressa.

Jeff – Então? É uma alergia?

Frédérique – Não...

Pierre – Uma intoxicação alimentar?

Frédérique – Não tem nada que ver com o que comeu...

Os dois irmãos ficam intrigados.

Jeff – Também me parecia estranho...

Pierre *(irónico)* – Então o que é? Os primeiros sintomas da menopausa?

Frédérique – A Josiane está com papeira... O médico receitou-lhe antibióticos...

Jeff *(surpreendido)* – Papeira? Mas isso não é uma doença de crianças?

Pierre *(a brincar)* – E então? Com a idade mental dela...

Perante o olhar reprovador dos outros dois, Pierre tenta aligeirar o ambiente.

Pierre – Bem, está certo... Não vai morrer por causa disso.

Frédérique – Não, mas o Jérôme diz que as doenças de infância, quando se apanham em adulto, podem dar complicações.

Jeff – Que tipo de complicações?

Frédérique – No caso da rubéola, malformações do feto nas mulheres grávidas...

Pierre *(com um sorriso)* – Se é só isso... No caso da Josiane...

Frédérique – E, nos homens, uma infeção dos testículos que pode provocar esterilidade definitiva.

Pierre enrijece, a assimilar a informação. Silêncio.

Pierre *(a Jeff)* – Tiveste papeira quando eras pequeno?

Jeff – Tive... E tu?

Pierre – Não sei...

Josiane reaparece. Pierre recua instintivamente.

Josiane – Não consigo dormir, por isso...

Jeff – Ainda vamos muito a tempo. Disse que chegaríamos por volta das cinco.

O telemóvel de Josiane toca. Ela atende, com a mesma verbosidade e amabilidade forçada da primeira chamada.

Josiane – Estou? Sim... Sim, sou eu... Bom dia... *(Mudando de tom, mais natural.)* Ah, desculpa, Pascual, não te reconheci a voz. Como estás? E a tua mulher?... Um acidente de automóvel? Oh, lamento imenso... Sim, claro... Quantos anos tinha?... Ainda era nova para acabar assim... E morreu mesmo? Claro, se to disseram... Olha, o seguro há de indemnizar-te... Quantos quilómetros tinha no conta-quilómetros? Ah, mesmo assim... E a tua mulher, não ficou ferida? Bem, isso é que importa! De quem foi a culpa? Espero que não tua... Mas também não se pode parar na berma da autoestrada só para atender o telemóvel! Haja paciência... Sexta-feira? Sim, está bem, Pascual. Até logo. *(Desliga.)* Era o meu dentista. *(Os outros olham para ela.)* Chamo-lhe «o meu dentista» porque é dentista. Fazemos teatro juntos...

Um momento de estupefação.

Jeff – Fazes teatro com o teu dentista?

Josiane – Faço. Teatro amador. Ele está a montar As Mulheres Sábias.

Frédérique – O teu dentista anda a montar mulheres sábias?

Josiane – Claro que sim.

Pierre – Um dentista que faz teatro... Pensava que isso era geneticamente impossível. Deve ser um mutante.

Frédérique – Tens a certeza de que é dentista?

Pierre – Não ia inventar uma profissão dessas para se gabar... Bem, se só monta mulheres sábias, não tens razão de queixa...

Josiane – A minha preocupação são os dentes. Colou-me isto tudo, mas não sei quanto tempo vai aguentar... Que se há de fazer? Nesta família temos todos os dentes podres.

Pierre – Mais uma tara que herdámos dos nossos pais...

Frédérique – Com o dinheiro da herança, podes pagar uns implantes. Como eu...

Josiane – Mamários?

Frédérique – Dentários!

Josiane – Ah... Não sei se ainda vale a pena. Depois dos sessenta, entramos numa espécie de regime provisório. É como com os carros. Pensamos: não vale a pena substituir esta peça, porque outra, mais importante, ainda pode avariar-se a seguir...

Pierre – Não fazia ideia de que tinhas esta paixão por automóveis...

Jeff *(consultando o relógio)* – Bem, temos de ir andando. Josiane, tens a certeza de que consegues?

Josiane *(levantando-se com energia)* – Claro que sim! Ainda não estou morta! E não hei de morrer antes de pôr as mãos na herança...

Jeff – Tens o livro de família dos pais? O notário queria uma cópia...

Josiane remexe na mala, tira o documento e mostra-o.

Josiane – Aqui está!

Pierre *(curioso)* – Posso ver?

Josiane parece hesitar.

Josiane – Porquê?

Os outros observam-na, intrigados com a relutância.

Pierre – Não sei, nunca o vi... Já nem sei quais eram os nomes todos da nossa avó paterna...

Josiane dá-lhe o livro de família. Pierre folheia-o enquanto os outros se preparam para sair.

Pierre *(a brincar)* – Aposto que nem sabem a que horas nasci. Se calhar, nem se lembram da data do meu aniversário...

Os outros ignoram a ironia. Pierre continua a folhear o documento, até que a expressão lhe muda bruscamente.

Pierre *(a ler)* – Quinto filho...

Pierre, agora muito sério, olha para os outros. Também eles parecem surpreendidos.

Pierre – Sabiam que fomos cinco?

Josiane *(após uma pausa)* – Sabia...

Frédérique – Acho que sabia... Não tinha a certeza...

Jeff, perturbado, começa a procurar nos bolsos.

Jeff – Onde meti as chaves...?

Pierre – É só isso que te ocorre dizer, quando descobres que tivemos uma irmãzinha que morreu?

Jeff deixa de procurar as chaves. Frédérique inclina-se para ver o documento por cima do ombro de Pierre.

Frédérique *(a ler)* – Émilie. Falecida a... *(Fazendo as contas.)* Tinha quinze dias...

Pierre – Quinze dias... É muito tempo. Dá tempo para nos afeiçoarmos... *(A Josiane.)* E tu sabias? Porque é que nunca nos disseste nada?

Josiane *(emocionada)* – A mãe nunca falava disso... E o que é que isso teria mudado?

Silêncio pesado.

Escuro.

À noite

Os quatro entram. Tiram os casacos em silêncio.

Josiane *(com uma alegria forçada)* – Então, brindamos?

O ambiente continua pesado.

Josiane – Vi por aí uma garrafa de espumante. Não vamos deixá-la cá. Deve estar morno, mas enfim...

Tira uma garrafa do armário e quatro copos.

Frédérique – Acho que passo. O espumante não me costuma cair bem...

Josiane *(a abrir a garrafa)* – Vá, não vais recusar um brinde!

Josiane enche os copos. Frédérique não se opõe. Josiane distribui-os.

Pierre *(irónico)* – Afinal, estamos a brindar a quê?

Jeff – À venda da casa.

Josiane – Aos nossos cheques! *(Brindam e bebem em silêncio.)* Até era simpático, o fisioterapeuta... *(A Jeff.)* É casado?

Jeff – Acho que não...

Frédérique – Tinha um ar um bocado efeminado, não tinha?

Josiane – Pois eu não me importava nada que ele me fizesse uma massagem. Só tinha pena de lhe passar a papeira. Dizem que, nos homens, às vezes, provoca impotência... Não é verdade, Frédérique?

Pierre *(irritado)* – Está bem, chega!

Frédérique – Também não é muito velho. É estranho comprar uma casa de férias naquela idade... *(Com emoção.)* É tão estranho pensar que a casa já não é nossa. Que não vamos voltar...

Jeff – Pois... Era agradável vir cá no verão...

Pierre – Já não vínhamos cá há tanto tempo, não é?

Frédérique – Juntos, pelo menos, há imenso tempo...

Josiane – Catorze anos. Foi há catorze anos que estivemos aqui os quatro pela última vez. *(Os outros surpreendem-se com tanta precisão.)* Fizemos a festa de anos do Bruno. Ainda hoje ele fala disso quando vê as fotografias. Foi uma festa tão bonita... Um ano antes do meu divórcio... Nessa altura, também gostava que nos víssemos mais vezes... *(Os outros calam-se. Josiane mantém o sorriso.)* Voltas hoje, Frédérique?

Frédérique – Era o que tinha pensado... Mas não sou obrigada. O bilhete de regresso é aberto...

Jeff – Podes ficar connosco até amanhã. Levamos-te ao aeroporto pelo caminho.

Pierre *(irónico)* – Se tens assim tanta pressa, vai-te embora... Toda a gente sabe que és uma pessoa muito ocupada...

Jeff *(com firmeza)* – Pierre...

Pierre faz um gesto, prometendo não voltar à discussão.

Frédérique – Está bem, fico então.

Josiane – Assim passamos a noite todos juntos! Em família...

Silêncio.

Pierre – Querem ir a um restaurante? Convido eu. Pago com o cheque...

Frédérique – Que generoso...

Pierre esforça-se por não responder à provocação.

Pierre – Mas não ao restaurante do almoço. Afinal, aquilo era mesmo péssimo... Que ideia abrir um restaurante num sítio daqueles...

Josiane – Não era mais giro comermos aqui? É a última vez.

Jeff – Comermos o quê?

Josiane – Havemos de encontrar qualquer coisa. Vamos esvaziar os armários.

Jeff procura nos armários e encontra qualquer coisa.

Jeff *(como um empregado de um restaurante elegante)* – Esparguete de dez anos, acompanhado por um molho de conserva quase no fim da validade.

Josiane – Nós também estamos quase no fim da validade...

Frédérique leva os mantimentos para a cozinha. Josiane segue-a. Pierre e Jeff ficam a sós.

Pierre – Já sei da empresa... O que pensas fazer?

Jeff – Não sei. Ainda há muita coisa por resolver. *(Pausa.)* Então também achas que arruinei a empresa porque não nasci para patrão?

Pierre – Acho que aquela empresa só podia funcionar com alguém disposto a trabalhar quinze horas por dia. Como o pai. Mas no tempo dele era diferente. Não me admira que não quisesses continuar. Nenhum de nós o faria.

Jeff – Nunca devia ter aceitado ficar à frente dela.

Pierre – Era preciso encontrar um bode expiatório...

Pausa.

Jeff – Se calhar abro um restaurante...

Pierre – Um restaurante? Mas tu nem sabes cozer esparguete...

Jeff – Nada de alta cozinha. Penso numa pizzaria. Para fazer pizzas não é preciso ser um grande cozinheiro. E claro que contrataria pessoal.

Pierre *(intrigado)* – Já tens algum sítio em vista?

Jeff – Tenho. O restaurante onde almoçámos hoje. O dono quer vendê-lo... Levei-vos lá precisamente para ouvir a vossa opinião. *(Pierre fica sem palavras.)* Então?

Pierre – Porquê aquele?

Jeff – E porque não? Eu e a Catherine estamos fartos da região de Paris. Para os miúdos era ótimo. Há uma casa por cima do restaurante. Podíamos viver no campo. Agora que a empresa vai fechar... Tenho de começar de novo. O que achas?

Pierre *(sem entusiasmo)* – Bem... A localização não é propriamente boa...

Jeff – Fica ao lado da estação.

Pierre – Passam lá dois comboios por dia.

Jeff – Tem esplanada.

Pierre – Sim, entalada entre a linha do comboio e a estrada nacional. Não sei se quem vem ao campo quer comer à beira da estrada. E a esplanada só serve quando está bom tempo. No verão, talvez. Mas no resto do ano? Ao almoço não estava propriamente cheio... Porque achas que o dono o quer vender?

Jeff – Se pensássemos sempre assim, nunca fazíamos nada. É preciso atrair clientes, claro. Mas não há nenhuma pizzaria aqui perto. Tenho a certeza de que pode resultar. Lá por estarmos junto ao mar, não temos de comer peixe todos os dias.

Pierre – Nem pizza... Já fizeste alguma coisa concreta?

Jeff – Assinei uma promessa de compra e venda... Descobri que o restaurante estava à venda quando vim tratar da casa. Tive de decidir depressa. Nós decidimos...

Pierre – Então o que queres que te diga? Se querias a minha opinião, porque não me perguntaste antes?

Jeff – Porque sabia que o ias criticar. Tu sabes sempre tudo. Nunca te enganas.

Pierre – Olha, não ligues. Há mais de um ano que não escrevo nada. Ou, pelo menos, nada que se tenha vendido. Não costumo queixar-me, mas também sei o que é falhar. E não só profissionalmente. *(Dá conta de que Jeff ficou magoado.)* Desculpa, Jeff. Pediste-me a opinião e eu dei-ta. Mas não percebo nada de restaurantes. Posso muito bem estar enganado. Espero estar enganado... *(A tensão diminui.)* Então também achas, como a Frédérique, que sou egoísta e convencido?

Jeff – Acho que devias ser um bocado mais indulgente... Tentar compreender os outros...

Pierre – Eu sei. Não devia ter falado daquela maneira com a Frédérique.

Jeff – Sempre foste o contestatário da família... Mas também tens razão numa coisa: não podemos aceitar tudo sem dizer nada.

Pierre – Eu só gostava que fôssemos mais próximos uns dos outros. Mais solidários.

Jeff – Nós nunca fomos assim tão solidários, sabes? Tu é que já não te lembras... Em pequenos, fazíamos coisas horríveis uns aos outros. Uma vez, perseguiste-me pelo jardim com um martelo na mão. *(Pausa.)* Sempre quis perguntar-te uma coisa. Se me tivesses apanhado, eras capaz de me ter partido a cabeça?

Pierre finge refletir.

Pierre – Acho que não. Mas fiquei tão contente por te ter assustado... Eu era o mais novo. Gostava de ver alguém com medo de mim. Depois a Frédérique disse-me que eu era louco. Estava tão convencida que, durante muito tempo, achei que talvez tivesse razão. Às vezes ainda me pergunto... Tens razão: nunca nos demos lá muito bem, os quatro. É o mito do «antigamente é que era bom». Afinal, nada mudou...

Jeff – O que mudou foi que, nessa altura, éramos obrigados a aturar-nos. Quando a casa estiver vendida, já nada nos obriga a isso. Agora temos de querer encontrar-nos. Se quisermos que os nossos filhos tenham tios e tias...

Pierre – Os nossos filhos... Mas o que temos nós em comum?

Jeff – Nada. Nada que se possa dividir por quatro.

Pierre – Tens pena de termos vendido a casa?

Jeff – Agora já é tarde.

Pierre – Antes de assinarmos já era tarde, não achas? Não me estava a ver a passar aqui os verões com o Jérôme, a ouvi-lo lamentar-se do défice da Segurança Social e dos impostos que asfixiam os profissionais liberais... O que me espanta é ele não perceber a ligação: se a Segurança Social está em défice é porque os dentistas e os médicos ganham demasiado, não?

De repente, falta a luz.

Jeff – Bolas, um corte de eletricidade.

Pierre – Há fósforos na lareira.

Jeff – É de água que precisamos...

Pierre – Como assim?

Jeff – Passa-me a garrafa de água que está em cima da mesa.

Pierre passa-lhe a garrafa, sem perceber. Jeff enche o depósito do candeeiro de carbureto, risca um fósforo e acende-o. Uma luz fraca ilumina a sala.

Pierre – O que é isso?

Jeff – Não te lembras?

Pierre – Não...

Jeff – Tinha chovido o dia todo. Uma coisa rara aqui em agosto. O pai decidiu levar-nos à apanha dos caracóis. Andou connosco de loja em loja até encontrar este aparelho.

Pierre – Ah, sim, o candeeiro de carbureto...

Jeff – E tínhamos duas ou três lanternas em casa. Nunca percebi porque precisava de um candeeiro destes para apanhar caracóis. Devia lembrar-lhe a juventude...

Pierre – Como é que funciona?

Jeff – O carbureto é uma espécie de carvão. A água cai gota a gota e produz um gás que arde.

Pierre – Já não me lembrava disso.

Jeff – Afinal, tu nem foste connosco. O pai acordou-nos às quatro da manhã. Mas, naquela manhã, foste tu que não conseguiste sair da cama... *(Pausa.)* Fomos só nós os dois. Foi engraçado. Ele falava baixinho, como se tivesse medo de que os caracóis fugissem ao ouvir-nos chegar. Trouxemos um balde cheio... No dia seguinte havia caracóis por toda a casa. Tínhamo-nos esquecido de tapar o balde. Quem diria que um caracol consegue andar tanto durante uma noite... *(Pausa.)* Acho que o pai ficou desiludido por não teres ido connosco...

A luz regressa.

Pierre – Durou pouco...

Jeff apaga o candeeiro. Silêncio. Pierre, melancólico, muda de assunto.

Pierre – E a tua família, como está?

Jeff – A Catherine começou um curso de assistente de contabilidade. Assim pode tratar das contas do restaurante. Acho que eu não tenho grande jeito para isso...

Pierre – E os miúdos? Já não os vejo há tanto tempo...

Jeff – Estão bem.

Pierre – É engraçado. Não digo isto para te agradar, mas nunca vi crianças tão bem-educadas.

Jeff – Porque não as vês muitas vezes...

Pierre *(sorrindo)* – Tens razão. Devíamos poder escolher os filhos. E os filhos escolher os pais...

Jeff *(divertido)* – Sabes que acabaste de dizer uma grande asneira?

Pierre – Sei. É porque não tenho filhos. Até tenho medo de vir a ter um. Sobretudo se for rapaz. Ainda por cima, se for parecido comigo... Não sei se seria capaz de lhe explicar porque é que vale a pena viver. No fundo, sou como o pai. Também não saberia dizer isso a um filho...

Jeff – Talvez fosse uma rapariga...

Pierre levanta-se, inquieto.

Pierre – Desculpa, tenho de fazer um telefonema.

Pierre pega no telemóvel. Jeff afasta-se em direção aos quartos, enquanto Pierre fica na sala.

Pierre – Sou eu... Sim, eu sei, mas não era a altura de lhes contar. Até discuti com a minha irmã... Como de costume, mas disse-lhe tudo o que tinha entalado na garganta. Não devia ter feito isso, mas aliviou-me... Não, não sei quando lhes vou dizer. Bem, já falamos...

Jeff regressa e instala-se confortavelmente numa poltrona. Pierre, contrariado, vai para os quartos para acabar a conversa. Frédérique entra da cozinha com uma esponja na mão.

Pierre *(a afastar-se)* – Não, eu explico-te... Não, não é urgente, mas...

Pierre desaparece no corredor. Frédérique arruma a mesa e olha para Jeff, sentado tranquilamente enquanto ela limpa.

Frédérique *(a brincar)* – Então, a descansar?

Jeff – Sim, muito bem. *(Procurando as palavras.)* Sabes, não deves levar tão a peito tudo o que o Pierre diz...

Frédérique *(magoada)* – Desta vez foi longe demais. Nunca ninguém me falou daquela maneira. Achas que tenho de fingir que não ouvi nada?

Jeff – Muitas vezes ele também teve de ouvir coisas sem responder... E, francamente, não foi o único... *(Frédérique olha para ele, surpreendida.)* Ouve, Frédérique, não gostei nada das piadas grosseiras que o Jérôme fez na noite do funeral da mãe. Podíamos ter aproveitado para estarmos um bocadinho juntos, em família. Aquilo não era um jantar de caçadores, e o funeral nem sequer dizia diretamente respeito ao teu marido. Devias ter-lhe lembrado isso... *(Pausa, contendo a raiva.)* Devia ter ficado no lugar dele. E, da próxima vez, ou fica, ou leva um murro nos dentes.

Frédérique fica surpreendida com esta invulgar demonstração de firmeza de Jeff.

Frédérique *(perturbada)* – Desculpa... Eu sei, foi horrível. Disse-lhe isso depois, juro...

Jeff – Depois já era tarde demais...

Frédérique – Não volta a acontecer...

Jeff – Pois não, Frédérique. Não se enterram os pais duas vezes... *(Levanta-se.)* Há momentos na vida que não se podem repetir. Perdemos tantas oportunidades de estar juntos em família...

Frédérique *(tentando defender-se)* – Mas ele também podia ser um bocadinho mais tolerante, não achas?

Jeff – Pela primeira vez, vou fazer um trocadilho. Tolerância? Há casas de tolerância para isso... Cá em casa, no Natal, se vocês vierem, não quero nenhum bordel.

Frédérique – Está bem...

Jeff – Vou pôr uma toalha na mesa.

Pierre regressa. Josiane aparece com uma máquina fotográfica.

Josiane – E se tirássemos uma última fotografia dos quatro aqui? Tenho disparador automático!

Os outros mostram-se um pouco embaraçados, mas Josiane já pôs a máquina em cima da mesa e regulou o disparador automático. Os quatro colocam-se em frente à lareira, nas mesmas posições e com o mesmo ar encolhido da fotografia da escola. O flash dispara. Separam-se. Josiane guarda a máquina.

Josiane – Vou mandar fazer quatro cópias e emoldurá-las... Será a minha prenda de Natal para vocês. Bem, vou pôr o esparguete a cozer.

Jeff e Frédérique levantam-se também.

Jeff – Eu abro a garrafa.

Frédérique – Eu ponho a mesa.

Pierre *(a brincar)* – Não sei como posso ajudar...

Frédérique – Podes ajudar-me a pôr a mesa...

Jeff e Josiane vão para a cozinha. Frédérique e Pierre põem a mesa em silêncio e sentam-se. Pierre parece satisfeito. Assobia uma melodia.

Frédérique – Afinal, estás bem-disposto... É a venda da casa ou a perspetiva de nunca mais nos vermos que te põe tão alegre?

Pierre – Sobre a papeira, hão de telefonar-me com os resultados, mas acabei de saber que não sou seropositivo... *(Frédérique surpreende-se.)* Conheci alguém. Fizemos o teste...

Frédérique *(fria)* – Parabéns... Mas tem cuidado. Viver a dois é o princípio da acomodação. Não eras tu que dizias isso há pouco?

Pierre – Desculpa pelo que disse há bocado. Precisava de deitar cá para fora. Deve ser a crise dos cinquenta... Sabes, também não me tornei naquilo que sonhava ser.

Frédérique – Pelo menos tentaste...

Pierre – Sim. Sim, tentei. Mas não consegui. Talvez devesse ter persistido no erro... Sabes o que te censuro, no fundo?

Frédérique – Ainda tens mais coisas a censurar-me?

Pierre – Não teres sabido distinguir as coisas. Há trinta anos concordávamos, pelo menos, numa coisa: não queríamos viver como os nossos pais. Mas, ao tentares fazer exatamente o contrário, acho que também te enganaste.

Frédérique, a custo a conter as lágrimas, olha para a lareira.

Frédérique – Tenho frio...

Pierre – É pena não termos lenha...

Frédérique – A lareira nunca funcionou. Era uma pena sujar tudo agora...

Um silêncio pesado.

Pierre – Sabias que a empresa está em liquidação?

Frédérique – Que empresa?

Pierre – A do pai! Quer dizer, do Jeff...

Frédérique – Não...

Pierre – A Josiane contou-me de manhã. Tu também acabarias por saber.

Frédérique – Já desconfiava que ia acabar assim.

Pierre – Se calhar é o melhor que podia acontecer-lhe.

Frédérique – Tens razão... Ele nunca teve perfil para patrão...

Pierre – Sobretudo de uma empresa familiar.

Frédérique – Com o dinheiro da venda, talvez possa começar um negócio dele.

Pierre – Pois...

Silêncio.

Frédérique – Eu e o Jérôme vamos divorciar-nos...

Pierre *(surpreendido)* – A sério? Porquê?

Frédérique – A assistente dele também se chama Frédérique. Digamos que tem tendência para nos confundir... Na clínica, trata-a como à mulher, só que mais nova. Em casa, trata-me como à empregada...

Pierre *(sem saber o que dizer)* – Lamento...

Frédérique *(divertida)* – Não me digas que estás destroçado por já não teres de aturar o Jérôme...

Pierre – Destroçado, não. Isso seria exagerar...

Frédérique – Eu também acho que é melhor assim. Os miúdos já são crescidos. Finalmente, vou poder viver a minha vida.

Pierre – Ah, viver a tua vida! Cuidado, não é tão simples como parece. Fala-te um futuro ex-solteirão!

Frédérique – Viver a dois também não é um mar de rosas. Fala-te uma futura ex-dona de casa... Mas não quero desanimar-te. Só espero que não troques a tua mulher por outra mais nova daqui a dez anos.

Pierre *(divertido)* – A minha mulher? Daqui a dez anos estarei quase nos sessenta. E, nesse aspeto, não corro esse risco: saltei uma etapa. Passei diretamente a alguém mais novo...

Frédérique *(intrigada)* – Que idade tem?

Pierre – Vinte e oito...

Frédérique – És um conquistador...

Pierre – Continuo a gostar de pessoas da mesma idade. Eu é que vou envelhecendo...

Frédérique – Isso não me vai impedir de ir ao teu casamento. Se me convidares...

Pierre – Casamento não será para já. Mas talvez façamos uma união civil...

Pausa. Olham-se. Frédérique hesita, julgando começar a perceber.

Pierre – És a primeira pessoa da família a quem conto isto...

Frédérique *(muito emocionada)* – Porquê eu?

Pierre – Talvez não te deteste tanto como parece. Além disso, lembro-me de que fui o primeiro a quem disseste que o Jérôme te tinha pedido em casamento. Estavas à espera da minha bênção para dizeres que sim... Eu sabia que era uma brincadeira, mas fiquei contente por confiares em mim. E, feito parvo, disse-te que podias casar com ele! Se eu soubesse... Naquela altura também era mais simpático.

Frédérique – Sim...

Pierre – Ele tinha o cabelo comprido... Na verdade, tinha cabelo. É incrível como as coisas acabam por mudar. Na altura, vocês eram para mim a imagem da família ideal.

Frédérique – A família ideal... Não sei se isso existe...

Josiane regressa com uma travessa de esparguete. Jeff vem atrás, com pedaços de madeira nos braços.

Jeff – Havia uma cadeira velha na cozinha, toda roída pelo bicho-da-madeira. Já podemos fazer uma fogueira.

Pierre – Há ali uns romances cor-de-rosa velhos, para acender o lume.

Josiane – Por mim queimávamos todos os móveis. Para que servem? Assim poupávamos o trabalho da mudança!

Jeff acende o lume. Ficam a olhar para as chamas, pensativos.

Pierre – Isto lembra-me uma ilustração do meu manual de História da escola primária. Não sei porquê, nunca mais me esqueci. Mostrava Bernard Palissy, um ceramista do Renascimento, a partir os móveis lá de casa para alimentar o forno e conseguir cozer os esmaltes. Apresentavam-no como um ato heroico: o artista sem dinheiro a sacrificar tudo pela arte. É engraçado, quase não tenho recordações da infância. Porque é que me lembro precisamente disto?

Frédérique – Faz-me lembrar uma cantiga: «Os livros para a fogueira, a professora para a braseira!» Foi o primeiro slogan subversivo que aprendi no jardim de infância. Achava que, no fim do primeiro ano, íamos mesmo fazer aquilo. Mas não... Fomos simplesmente para casa e passámos o verão inteiro a aborrecer-nos.

Pierre – E tu, Josiane, não te lembra nada?

Josiane *(a ver os livros arder)* – Tive um professor de Francês no liceu. Um homem sem idade, nem muito velho nem muito novo, mas completamente apagado. Soube que, em 1968, queimou em público todos os livros da biblioteca, numa espécie de auto de fé, num ímpeto de entusiasmo revolucionário. Depois disso, nunca mais olhei para ele da mesma maneira. Ficava a observá-lo nas aulas, a perguntar-me o que lhe restaria daquela loucura...

Pausa.

Pierre – E tu, Jeff?

Jeff *(sorrindo)* – Eu acendi a lareira. Já não chega?

Voltam a olhar para o lume em silêncio. Josiane pega num pedaço da cadeira e vai pô-lo na lareira. Detém-se e examina-o, pesando-o na mão.

Josiane – Que estranho... É tão leve. Parece completamente oco por dentro... *(Os outros, perdidos nos seus pensamentos, não lhe prestam atenção.)* Li uma coisa sobre térmitas no Le Chasseur Français. Parece que é terrível. Não se veem. Vão comendo tudo em silêncio, pouco a pouco, durante anos. Tudo o que seja madeira. Até às vigas do telhado... E, um belo dia, o telhado cai-nos em cima sem aviso...

Os outros entreolham-se, sem saber se devem rir ou preocupar-se. Olham para o teto. Jeff examina o pedaço de madeira.

Frédérique – Então?

Jeff *(hesitante)* – Pode ser só caruncho. Mas não sei... Nunca vi térmitas. Como é que são?

Pierre *(a Josiane)* – Não havia uma fotografia na revista?

Josiane – Já não me lembro. Sei que vivem em colónias, como as formigas ou as abelhas.

Pierre – Mas não fazem mel...

Josiane observa a cadeira em que está sentada.

Josiane – Esta também está atacada.

Os outros olham, inquietos, para as próprias cadeiras, como se receassem que se desfizessem debaixo deles.

Pierre – Se calhar era melhor ver as vigas do sótão.

Jeff *(levantando-se)* – Não sei se temos escadote.

Pierre levanta-se e acompanha Jeff. Josiane e Frédérique observam-nos, preocupadas.

Frédérique – Só faltava esta! Era uma bela telha!

Josiane – Pois, uma telha... Ou o telhado inteiro em cima da cabeça, esta noite. *(Pausa.)* Felizmente já assinámos...

Frédérique – Espera lá! Se for mesmo isso, não podemos fazer de conta que não sabemos.

Josiane – Quando assinámos, ainda não sabíamos...

Frédérique – Seria uma fraude! E não podemos ficar com essa responsabilidade. Imagina que os novos donos morrem soterrados. Até podem ter filhos...

Josiane – Isso é problema deles. Quem compra uma casa tem obrigação de ver o estado da estrutura. A não ser que a incendiássemos antes de sair... O seguro pagava. Há incêndios todos os dias...

Frédérique – No dia seguinte à venda? Ia parecer estranho. Haveria uma investigação. Uma fraude ao seguro pode sair muito cara.

Pierre e Jeff regressam.

Josiane – Então?

Jeff – É difícil dizer. Quase não se vê nada. Algumas vigas parecem estar um bocado estragadas, mas a casa também é antiga. Era melhor chamar um especialista.

Frédérique – É o mais prudente. Ainda podíamos vir a ter problemas...

Pierre – Podia parecer uma omissão involuntária, mas o comprador podia processar-nos por lhe termos vendido uma casa infestada de térmitas. Só refazer o telhado custaria metade do preço da casa.

Josiane – E, se tivermos de pagar nós, já nem vale a pena ter vendido...

Pierre *(suspirando)* – Bem me parecia que isto estava a correr demasiado bem...

Frédérique – E agora o que fazemos?

Jeff – Amanhã vemos melhor, mas talvez tenhamos de suspender a venda até haver uma avaliação. Prefiro isso a estarmos metidos num processo daqui a um ano.

Frédérique – Com pedido de indemnização...

Josiane – Que bela herança! Eu bem me perguntava de onde vinha tanto pó...

Frédérique *(levantando-se)* – Acho que é melhor irmos dormir.

Josiane *(inquieta)* – Acham prudente passar cá a noite? Não era melhor irmos para um hotel?

Pierre – Estatisticamente, era preciso muito azar para a casa cair precisamente esta noite, depois de catorze anos sem estarmos os quatro juntos.

Preparam-se para ir para os quartos.

Jeff *(a brincar)* – Seja como for, é melhor não espirrarmos com muita força.

Todos riem.

Escuro.

Na manhã seguinte

Frédérique está sentada sozinha na sala. Fuma um cigarro enquanto acaba o café. Já está vestida e maquilhada. Josiane entra de camisa de noite, ainda meio a dormir, e tenta destapar os ouvidos com o dedo mindinho.

Josiane – Estou com os ouvidos completamente entupidos... Aposto que foi aquele miúdo português do comboio que me passou a papeira...

Frédérique – Que miúdo?

Josiane – O do comboio! E o esparguete deu-me uma sede... Espero que o molho não estivesse estragado, depois de tantos anos. *(Serve-se de um copo de água e olha para a irmã.)* Tu também não estás com bom aspeto...

Frédérique – Dormi mal, só isso...

Josiane – Não será por causa da discussão com o Pierre, ontem ao almoço? Já sabes como ele é. Diz em voz alta o que toda a gente pensa em voz baixa...

Frédérique olha para ela, mas prefere não responder. Josiane serve-se de café.

Josiane – Eu também não dormi nada bem. Por causa das térmitas. Sonhei que nos comiam durante a noite. Começavam pelo cérebro.

Frédérique olha-a, surpreendida. Josiane prova o café e leva a mão ao estômago.

Josiane – Este café está a dar-me a volta ao estômago... *(Pausa.)* Acho que vou vomitar...

Josiane sai e cruza-se com Pierre, que entra.

Pierre – Ui! Não estás com grande cara...

Frédérique – Obrigada. A Josiane acabou de me dizer o mesmo.

Pierre serve-se de café.

Pierre – Eu também falo por mim... Depois dos cinquenta, quando a Cinderela se deita depois da meia-noite... Na manhã seguinte, acorda com a cabeça como uma abóbora.

Frédérique – Agora és a Cinderela?

Pierre – Vocês, mulheres, ainda se podem maquilhar antes de sair de casa...

Frédérique – Eu já estou maquilhada...

Pierre mexe o café.

Pierre – Desculpa. Deve ser por estarmos perto do Natal. Deprime-me. Fico com vontade de ser desagradável com toda a gente, não sei bem porquê... Bem, até sei...

Silêncio.

Frédérique – Uma vez, o pai chamou-me ao carro antes de ir trabalhar. Eu devia ter cinco ou seis anos. Disse-me que o Pai Natal não existia. Assim, sem eu ter perguntado nada. Ao princípio até fiquei orgulhosa: sentia-me mais crescida. Mas depois percebi o que aquilo significava...

Pierre – Sempre que queria lembrar-nos como éramos ingénuos, troçava: «Ainda acreditas no Pai Natal!»

Frédérique – Para me vingar, contei à filha da professora que o Pai Natal não existia. No dia seguinte, a mãe dela deu-me duas bofetadas. Não bastava o Pai Natal não existir: ainda tinha de guardar o segredo para mim!

Pierre – Será que temos sempre de desculpar os pais só porque talvez também tenham tido uma infância infeliz?

Frédérique – Pensava que, quando fosse mãe, seria mais indulgente com a minha. Mas aconteceu o contrário. Foi precisamente isso que me fez perceber o carinho que eles nunca souberam dar-nos...

Josiane regressa, já vestida, com um saco do lixo na mão.

Josiane – O Jeff ainda não está pronto? É sempre o último a levantar-se... Bem, vou deitar fora o resto do esparguete, senão começa a cheirar mal. Aquele molho já me tinha caído um bocado mal ontem... *(Pausa.)* E ainda vomitei para dentro do saco, para não entupir o lava-loiça...

Os outros dois ficam horrorizados. Josiane sai com o saco. Jeff entra ao mesmo tempo, ainda sonolento, como na véspera, mas já vestido e pronto para partir. Serve-se de café.

Frédérique – Chegou a hora de nos despedirmos desta casa... É a última vez que tomamos o pequeno-almoço aqui, todos juntos. Como quando éramos crianças... *(Silêncio pesado.)* Apesar de tudo, nada nos impede de voltarmos a encontrar-nos...

Pierre – Pois... *(Com amargura.)* Mas será que nos faz bem encontrarmo-nos?

Josiane regressa a correr.

Josiane – Roubaram o caixote do lixo!

Pierre *(irónico)* – Tinha alguma coisa de valor lá dentro?

Jeff, intrigado, sai para ver.

Josiane – É inacreditável! Agora até roubam os caixotes do lixo. E isto no campo!

Pausa. Jeff regressa.

Jeff – Não o roubaram. Ardeu. Era de plástico, não sobrou quase nada. Tivemos sorte de o fogo não ter chegado à casa...

Jeff vira-se para Josiane com um olhar desconfiado.

Jeff – Não deitaste ontem as cinzas da lareira no caixote do lixo, pois não?

Frédérique e Pierre também se viram para Josiane.

Josiane – Pensei que já não havia brasas...

Jeff – Devias saber que pode haver brasas debaixo das cinzas.

Pierre – Então não devíamos chamar a polícia?

Josiane – É incrível como estes caixotes ardem com facilidade. É perigoso...

Os outros trocam um olhar, habituados à má-fé de Josiane.

Pierre – O melhor é enterrar tudo no jardim. Com os vapores do molho bolonhesa, o vómito da Josiane e as brasas... Ainda se desencadeia uma reação química imprevisível...

Jeff – Há uma pá na arrecadação. *(Os outros olham para ele.)* Está bem, vou eu...

Josiane parece absorta nos seus pensamentos.

Josiane – O fisioterapeuta tinha um nome esquisito...

Pierre – William.

Josiane – Isso, William... Bem, é preciso ser um belo pato para comprar esta casa em ruínas... Eu até lhe dava o meu número de telefone, mas... É verdade que tinha um ar um bocado...

Pierre – Um bocado o quê?

Josiane – Não percebeste que ele era maricas?

Frédérique, constrangida, observa a reação de Pierre, que decide falar.

Pierre – Tenho uma coisa para vos contar... É melhor dizer-vos já.

Josiane fica à escuta. Frédérique sorri para o encorajar.

Pierre – O fisioterapeuta que comprou a casa, o William... É meu amigo...

Frédérique, que ignorava esta parte do assunto, fica tão surpreendida como Josiane. Sobretudo porque esperava uma revelação de outra natureza.

Frédérique *(um pouco picada)* – Então resolveste fazer-nos uma surpresa...

Josiane *(sem perceber)* – O fisioterapeuta maricas era um testa-de-ferro?

Frédérique – Porque fizeste isso? Podíamos ter chegado a um acordo, se querias ficar com a casa...

Pierre – Tive medo de que fosse complicado...

Frédérique *(irónica)* – Claro. Assim é tudo muito mais simples...

Josiane – E ainda por cima a esse preço... Foi um bom negócio, não foi?

Pierre – A casa esteve à venda mais de um ano. Ninguém a quis... *(Os outros ficam em silêncio, perturbados, cada um à sua maneira.)* E lembrem-se de que acabaram de nos vender uma casa que pode estar infestada de térmitas...

Josiane *(cada vez mais perdida)* – Vendemos-vos a casa? Compraram-na os dois?

Frédérique vem em auxílio de Pierre.

Frédérique – Ele é amigo do Pierre... Não é preciso fazer-te um desenho...

Josiane acaba por compreender.

Josiane *(contente)* – Ah, eu também já tinha percebido...

Frédérique *(irónica)* – Pois, a intuição feminina...

Pierre – Aqui estarão sempre em casa. Podem vir quando quiserem...

Jeff regressa do jardim nesse instante.

Jeff – Não vão acreditar!

Frédérique – Conta lá...

Mas Jeff está a falar de outra coisa.

Jeff – Olhem o que encontrei quando estava a cavar no jardim para enterrar o lixo!

Mostra um osso.

Josiane – O que é isso?

Pierre – Parece-me um fémur...

Frédérique – Queres dizer um osso humano?

Pierre *(a Jeff)* – Encontraste o esqueleto todo?

Jeff – Não continuei a escavar. Não sei o que puseram naquele saco do lixo, mas não cheirava propriamente a rosas. Deitei tudo para a cova e tapei-a depressa.

Josiane – Podíamos chamar a polícia, mas... Um cadáver enterrado no nosso jardim! Ainda arranjamos problemas...

Frédérique parece apreensiva.

Frédérique – Se for um cadáver, quem poderá ser?

Pausa.

Pierre – Talvez seja o nosso pai...

Os outros olham para ele, convencidos de que está a brincar. Mas Pierre fala a sério.

Pierre – A última vez que a mãe cá veio, estava com ele. Depois disso, nunca mais o vimos. Quem nos garante que voltou mesmo para a Amazónia?

Josiane *(a Pierre)* – Ainda bem que foi o teu amigo homossexual que comprou a casa. Ao menos, fica tudo em família!

Jeff *(perdido)* – Quem é homossexual?

Josiane – O Pierre!

Frédérique *(sem grande convicção)* – Simpatizante, pelo menos...

Jeff tenta assimilar a informação. Pierre mantém-se impassível. Ou não quer desmenti-los, ou nem ouviu a última réplica, absorvido a observar o suposto fémur.

Frédérique – Bem, não nos precipitemos. E se for só um osso de vaca?

Pierre – Parece mesmo um fémur...

Frédérique – E tu percebes alguma coisa de fémures?

Pierre – O meu amigo é fisioterapeuta... Era eu que lhe corrigia os exames...

Jeff – E, além disso, porque é que alguém havia de enterrar uma vaca no nosso jardim?

Josiane – Ou então o vizinho é um assassino em série e enterra as vítimas no nosso jardim para não levantar suspeitas...

Pierre – Se algum dia voltarmos a passar férias aqui, prefiro que a mãe tenha matado o pai. É menos perigoso do que ter um psicopata por vizinho...

Frédérique – Seja como for, não vamos resolver isso agora. Proponho que nos vamos embora. Levamos o osso para Paris e depois logo se vê.

Para pensar noutra coisa, apressam os últimos preparativos da partida. Cada um pega na sua bagagem. Josiane reaparece com um saco grande, além da mala com que chegou.

Pierre – Quando chegaste só tinhas uma mala, não tinhas?

Josiane – Levo umas recordações! Assim, ao menos, as térmitas não as comem...

Jeff *(a Pierre)* – Desligaste o quadro elétrico?

Pierre – Desliguei... Vou confirmar. *(Sai um instante.)* Está tudo. Podemos ir.

Os quatro irmãos preparam-se para sair de casa, com as malas.

Jeff *(olhando uma última vez em volta)* – Não nos estamos a esquecer de nada?

Pierre – O fémur... Vou mostrá-lo ao William...

Jeff – Quem é o William?

Frédérique – Depois explicamos-te...

Josiane – Pensar que viemos cá tratar da herança... Tenho a impressão de que as contas ainda estão longe de estar saldadas.

Jeff, Frédérique e Josiane saem. Pierre é o último. Com a pequena mala na mão, volta atrás para pegar na fotografia de família. Fica a observá-la por instantes, com um sorriso amargo.

Pierre – As recordações... Ocupam pouco espaço, mas pesam tanto...

Os outros chamam-no de fora de cena.

Frédérique *(fora de cena)* – Pierre?

Jeff *(fora de cena)* – Vens?

Josiane *(fora de cena)* – O que estás a fazer?

Pierre volta a pousar a fotografia no mesmo sítio.

Pierre – Já vou! *(Pega no osso que está em cima da mesa.)* Ia-me esquecendo do fémur do pai! Agora a família está finalmente reunida... *(Olhando para o osso.)* Bem, é um princípio...

Pierre sai.

Escuro.

FIM.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Novembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-072-8

Documento para download gratuito